

Pi-Ramsés: ponto de partida da saída do Egito

Pi-Rameses: Starting Point of the Departure from Egypt

Manu Marcus Hubner*

Resumo: Segundo o relato da Bíblia Hebraica, os Filhos de Israel permaneceram durante séculos no Egito, onde se tornaram escravos. Nos últimos anos desta terrível e degradante experiência, foram expectadores de fantásticos eventos que culminaram na sua libertação: as pragas do Egito, seguidas pelo milagre da abertura do mar para sua travessia. Seguiu-se um período de quarenta anos em que os Filhos de Israel saíram do Egito e se dirigiram à terra de Canaã – um período de grandes milagres e maravilhas, no qual os Filhos de Israel atravessaram um deserto inóspito e enfrentaram diversas provações, mas também passaram pela experiência mais marcante de toda a sua existência, no Monte Sinai. O ponto de partida desta libertação é a cidade de Ramsés, palco da intervenção Divina direta na história da humanidade e primeira das quarenta e duas estações da jornada à terra de Canaã. O livro do Êxodo (1:11) a descreve como cidade-armazém. Após milênios soterrados, os restos mortais da cidade supostamente começaram a emergir no século passado, por meio da arqueologia, e podem nos dizer muito sobre seu nome, sua história, sua geografia e seu significado.

Palavras-chave: Bíblia. Israel . Êxodo.

Abstract: According to the Hebrew Bible, the Children of Israel have remained for centuries in Egypt, where they became slaves. In the last years of this terrible and degrading experience, they were spectators of fantastic events that culminated in their release: the plagues of Egypt, followed by the miracle of the opening of the sea for their passage. The book of Exodus (1:11) describes it as a warehouse city. After millennia buried, the remains of the town allegedly began to emerge in the last century, through archeology, and they can tell us a lot about its name, its history, its geography and its significance.

Keywords: Bible. Israel. Exodus.

A história da salvação dos israelitas da fúria do faraó é tão fantástica que se tornou a única do gênero na Antiguidade. Os registros dos fatos ocorridos no Egito deixaram evidente a ideia de uma intervenção Divina direta e decisiva nos acontecimentos. A maneira como tudo foi relatado convence gerações posteriores ao acontecimento de que este foi o evento mais extraordinário de toda a história da humanidade. O ponto de partida, cenário inicial de toda esta história, é a cidade de Ramsés.

A terra de Goshen (Gn 45:10¹ e 47:6, também chamada "a terra de Ramsés" em Gn 47:11 ou "a planície de Zoan" em Sl78:12, 43) é considerada o local onde ocorreram as pragas do Egito (Ex 7:19 a 12:29), como também o local da saída dos israelitas do Egito (Ex 12:37, 13:17), na data hebraica de 15 de Nissan de 2448,² uma quinta-feira.³ O nome Ramsés aparece na Bíblia Hebraica em Gn 47:11; Ex 1:11 e 12:37; e Nm 33:3, 5. O nome Pi-Ramsés ou Per-Ramsés significa "a casa de Ramsés" em egípcio.⁴ Ramsés vem do egípcio *Ra-meses*, "nascido de Rá", onde *meses* ("nascido de") é também a raiz do nome Moisés.⁵ O nome Ramsés foi usado por onze reis da 19^a e 20^a dinastias, por volta de 1290-1070 a.C.⁶ Nenhum desses reis fundou cidade alguma relevante, exceto Ramsés II. Muitas localidades também receberam o nome de Ramsés.⁷ Pesquisadores divergem quanto à sua localização: Khatana-Qantir;⁸ sobre a antiga capital dos hicsos, Hat-waret ou Avaris, nome atual: Tell el-Dab'a; Pelusium,⁹ nome atual: Tell el-Farama/Baluzá; Heliópolis/Pithom,¹⁰ nome atual: Tell el-Retabeh; Zoan/Tanis/Djanet,¹¹ nome atual: San el-Hagar.

Os faraós da 12^a dinastia fizeram sua capital em Zoan. Segundo o Salmo 78, Moisés encontrou o faraó

no campo de Zoan.¹² O livro de Números (13:22) registra que a cidade de Hebron foi construída sete anos antes de Zoan. Zoan e Ramsés estão registradas no Onomasticon de Amenope.¹³

Os hicsos¹⁴ mudaram a capital para Avaris, provavelmente fundada entre 1720 e 1700 a.C.¹⁵ Em Avaris (Tell El-Dab'a), escavações revelaram uma enorme cidade com uma cultura material quase idêntica à do Bronze Médio na Palestina e na Síria. O templo era um edifício monumental retangular, com grossas paredes indicando uma altura considerável, similar a outros templos da mesma época por todo o Levante. Escavações também revelaram armas típicas da Palestina, jarros de armazenamento, usados para o transporte de vinho, azeite e outros produtos agrícolas de Canaã para o Egito.¹⁶

Ahmose (1552- 1527 a.C.), faraó da 18ª dinastia, vence os hicsos e captura a sua capital. Começa o período do Novo Império Egípcio. Os reis da 18ª dinastia (1552- 1306 a.C.) viviam no Alto Egito e reinavam de Memphis ou Tebas, negligenciando a região do Delta. Haremhab (1333- 1306 a.C.), o último faraó dessa dinastia, renovou o templo do deus local Seth no delta oriental. Durante seu reinado, o 400º aniversário da fundação da cidade foi comemorado. Seti I (1305-1290 a.C.), faraó da 19ª dinastia, sucessor de Ramsés I, construiu, ao norte da antiga cidade de Avaris, de onde originava sua família, um palácio de verão. Esse local foi transformado por Ramsés II (1290- 1224 a.C.), sucessor de Seti I, na grande cidade que leva o seu nome, aparentemente para se afastar dos sacerdotes do deus Amon, de Tebas, já que seu deus principal era Seth, e para facilitar suas campanhas em Canaã e na Síria. Devido à fama do monarca, a cidade ficou conhecida apenas como Ramsés. A cidade de Pi-Ramsés continuou a ser o centro de domínio faraônico no Delta oriental durante a 19ª e 20ª dinastias.¹⁷

A cidade era adornada por estruturas monumentais, numerosos obeliscos, estátuas colossais, estábulos, palácios e templos magníficos. Pi-Ramsés era comparável às maiores cidades antigas do Oriente Próximo, talvez a maior e mais cara residência real já construída.¹⁸ A beleza e glória da cidade permaneceram até os dias de hoje em poemas, que a descrevem como "cheia de alimentos e provisões", "frutas abundantes", "cebola, alho, alface, romãs, maçãs e azeitonas, figos, vinho doce... ultrapassando o mel...", "celeiros tão lotados de cevada que chegam perto do céu", "lindo distrito", "cujo castelo é como o horizonte do paraíso", "campos cheios de tudo o que há de bom", "represas repletas de peixes e lagos com pássaros", "campos verdes de pastagens", "navios ancorando com suprimentos e alimentos todos os dias".¹⁹ Até mesmo o livro de Gênesis elogia a região: [...] No melhor da terra, faz ficar a teu pai e a teus irmãos; esteja na terra de Goshen... (Gn 47:5)

Um projeto tão arrojado necessitava de muitos trabalhadores, um grau elevado de organização, e grandes suprimentos de matérias-primas. Para esta empreitada, o faraó preferiu recrutar estrangeiros, conforme relatado pelo historiador greco-romano Diodorus Siculus, do século I a.C. A escravidão dos israelitas se encaixa neste contexto: não era uma escravidão doméstica, onde um indivíduo se torna um bem, pertencente a um dono, e vive em sua propriedade, o que ocorria com frequência até mesmo no Egito antigo; tratava-se de uma escravidão estatal, a imposição organizada de trabalho forçado à população masculina, em condições brutais e degradantes, sem recompensa pelo trabalho executado e sem direitos civis. Trabalhavam na manutenção dos diques e canais de irrigação, na agricultura e na construção. E moravam exatamente na área onde foi construída a cidade.¹⁹ Os escravos israelitas viviam em famílias, em suas residências próximas às dos egípcios, e mantinham relações sociais com estes:

E pedirá cada mulher de sua vizinha e de sua hóspede objetos de prata e objetos de ouro, e vestidos, [...]. (Ex 3:22).

Fala agora na presença do povo, e peça cada homem a seu companheiro e cada mulher à sua companheira, objetos de prata e objetos de ouro. (Ex 11:2).

E pediram aos egípcios objetos de prata, objetos de ouro e vestidos...
(Ex 12:35).

A construção da cidade necessitava de um suprimento gigantesco de tijolos. Em um episódio, parece claro que os israelitas trabalhavam na produção destes tijolos, de acordo com cotas fixas diárias. Os egípcios construíram estruturas de pedras monumentais, como as pirâmides, templos, monumentos funerários, dentre outros. Mas o material mais comum para construções no delta era o barro. As principais residências e prédios administrativos eram feitos de tijolos de barro. A enorme indústria de tijolos necessitava de uma organização talvez sem precedentes. Para se ter uma ideia da imensa quantidade de tijolos usados, as pirâmides de Sesostri III em Dahshur foram construídas com aproximadamente 24,5 milhões de tijolos. Um artesão, utilizando as mesmas técnicas para a construção de tijolos utilizadas no tempo do Egito antigo, é capaz de fabricar aproximadamente três mil tijolos em um dia – sete a oito horas de trabalho. Essa cota, imposta aos escravos, poderia ser um fardo intolerável. Textos egípcios antigos mostram que as cotas de produção eram raramente atingidas. Um registro dos dias do faraó Tutmósis III (1490- 1436 a.C.) retrata, entre várias cenas de construções, asiáticos construindo tijolos.²⁰

Durante o Novo Império (cerca de 1558- 1085 a.C.), haviam muitos asiáticos no Egito. Muitos eram escravos, outros foram criados na corte do faraó, e muitos possuíam nomes egípcios.²¹

O livro do Êxodo (1:11) registra que Pitom e Ramsés foram construídas por escravos israelitas. O fato de o nome Ramsés ser mencionado entre as cidades construídas pelos israelitas no Egito aponta para o início do reinado de Ramsés II, quando muitos trabalhadores forçados foram empregados na construção da nova capital, Pi-Ramsés.²² Segundo a estela de Merneptah, o povo de Israel já estava em Canaã em cerca de 1220 a.C., e os povos de Seir, Edom e Moab surgem pela primeira vez em textos egípcios da 19ª dinastia.

O papiro Leiden 348, um decreto de um oficial de Ramsés II relacionado à construção da nova capital, Pi-Ramsés, declara: Distribuam rações de grãos aos soldados e aos *Apiru* que transportam pedras para o grande pilone de Ramsés.²³

Se os *apiru* (ou *abiru*) têm alguma conexão com os hebreus, parece que os hebreus foram forçados a construir a capital de Ramsés, conforme a passagem Bíblica.²⁴

O nome *ha-bi-ru*, utilizado no décimo – quarto século a.C., poderia corresponder ao termo *ibrî*, "hebreu". Os *abiru* não são um grupo étnico, e possuem pouca semelhança com os israelitas pré-monárquicos, mas pode ter sido um termo genérico utilizado para discriminar os hebreus devido à ignorância das diferenças entre os grupos étnicos. Homens de diversas raças e linguagens poderiam ser *abiru*, termo que aparentemente denota classes de pessoas sem nacionalidade, que eventualmente vivem às margens da estrutura social, sem raízes ou moradia fixa. Podem eventualmente também serem recrutados como tropas irregulares em tempos de conflitos.²⁵

Os registros dos oficiais de fronteira egípcios revelam o controle rígido exercido pelas autoridades egípcias sobre sua fronteira oriental nas últimas décadas do século décimo – terceiro a.C. Tanto estrangeiros quanto egípcios necessitavam de uma permissão especial das autoridades para atravessar as fronteiras. O papiro Anastasi III registra as travessias diárias de indivíduos devidamente autorizados durante o reinado de Mernepta (final do 13º século a.C.). O papiro Anastasi VI registra a passagem de uma tribo proveniente de Edom para o Egito, durante uma seca. Este papiro registra que, para alguns destes viajantes, a travessia para o Egito era necessária para mantê-los vivos, como também para seus rebanhos. Os patriarcas Abraão e Jacob também foram ao Egito para escapar de secas (Gn 12:10, 47:4). Se não houvesse este rígido controle de fronteiras, pessoas, ou até mesmo

povos, poderiam atravessar do Nilo até o Sinai, ou até mesmo Canaã. Por isso, não é estranho o fato de que Moisés e Aarão foram ao faraó solicitar permissão de saída: "Envia meu povo" (Ex 5:1; 7:16, 26; 8:16; 9:1, 13; 10:3). O papiro Anastasi V se refere à fuga de dois escravos ou servos da residência real em Pi-Ramsés. Os fugitivos atravessaram a fronteira fortificada em direção ao Sinai. O oficial que escreveu o papiro recebeu ordens de capturar os fugitivos e trazê-los de volta. Esta história possui paralelos com a história do Êxodo: a fuga de escravos da região de Ramsés, em busca de liberdade; uma força militar egípcia persegue os fugitivos para trazê-los de volta; os fugitivos percorrem uma rota de fuga similar à rota dos israelitas.²⁶

Estátuas, obeliscos e pedras trabalhadas da época ramessida foram encontradas em San el-Hagar (sítio que corresponde a Tanis, a Bíblica Zoan e a egípcia Djanet), mas nada de cerâmica ou evidências stratigráficas. Inicialmente, assumiu-se que Tanis seria a correspondente de Pi-Ramsés do 13^o e 12^o séculos a.C., mas, aproximadamente a dezoito quilômetros ao sul do sítio, na cidade de Faqus, em um campo aberto ao redor de Tell el-Dab'a, foram encontradas as fundações da antiga Hattawat ou Avaris, a residência da 12^a e 13^a dinastias e dos reis hyksos. Um pouco ao norte, ao redor de Khataana-Qantir, o terreno plano esconde as relíquias de Pi-Ramsés, numa área de aproximadamente seis por três quilômetros, onde escavações encontraram as fundações de um palácio esplêndido de Ramsés II, além de estábulos, e as bases de muitas outras construções, em contraste com os achados de Zoan, onde as pedras das construções não são do local de origem. Nas escavações em Qantir, nas décadas de 1950 e 1960, juntamente com Qantana, três quilômetros a sudeste de Qantir, foram encontradas ruínas de construções da época ramessida, entre estas uma estátua gigante de Ramsés II. Nas escavações, ficaram comprovadas as características sírio-israelitas (hicsos) do sítio, devido aos túmulos e à cerâmica.²⁷

Pi-Ramsés deixou de ser a residência real aproximadamente em 1130 a.C., quando o braço do Nilo junto a Ramsés sofreu assoreamento, migrando para longe da cidade, que ficou sem suas veias de transporte, e forçou os faraós da 21^a dinastia a construir uma nova capital.²⁸ Tanis se tornou a nova capital, e nunca foi chamada de Pi-Ramsés. Por volta de 1069 a.C., Pi-Ramsés foi abandonada, tornando-se uma cidade fantasma, e os faraós mudaram-se para Memphis. Quando os faraós da 21^a dinastia precisaram de pedras para a construção de novos templos em sua capital, Tanis, eles simplesmente saquearam as ruínas de Pi-Ramsés e levaram muitas estátuas, estelas e outras peças ornamentais arquitetônicas para a cidade nova. Os faraós da 22^a dinastia estabeleceram uma segunda capital no delta, em Bubastes, e também levaram para ali estátuas e outras peças das ruínas de Ramsés.²⁹

O nome da cidade de Ramsés, mesmo tendo sido abandonado, permaneceu na Bíblia Hebraica como parte da tradição hebraica antiga, por ser o nome do local na época dos eventos narrados. No Salmo 78:12, da Idade do Ferro, o nome utilizado para descrever o local no primeiro milênio a.C. é "campo de Zoan" (o equivalente hebraico de Tanis), já que a região que foi dominada por Pi-Ramsés (entre 1300 e 1100 a.C.) foi substituída por Tanis, no período seguinte. A Bíblia Hebraica acredita que o local da escravidão e do êxodo dos israelitas era Ramsés, e não Tanis ou Zoan.³⁰

É interessante destacar que quase todos os papiros do Novo Império foram perdidos na lama da região do delta; os poucos que restaram estavam nas areias secas de Saqqara e no Alto Egito, longe dos campos de barro da região de Pi-Ramsés, de onde foram recuperados pouquíssimos documentos em potes quebrados. Não restaram construções em Pi-Ramsés acima do nível do chão, nem templos, nem palácios, que há muito tempo voltaram a formar um lamaçal.

* **Manu Marcus Hubner** é Doutorando em Letras no Programa de Língua Hebraica e Literatura e Cultura Judaicas da FFLCH-USP.

Notas

¹ As abreviações dos livros bíblicos seguem a *Bíblia de Jerusalém*. A não ser quando indicado de outra forma, a Bíblia utilizada para citações do Pentateuco será a *Torá: a Lei de Moisés*, de Melamed, Editora Sefer, 2001.

² KANTOR (2007, p. 70); DEUTSCH (1998, p. 305, 314-5, 324); KAPLAN (1981, p. 237); HAHN (1996, p. 114-5); RASHI sobre Ex 12:41 (*Mikraot Guedolot Meorot*, 1995, Vol. 2, p. 270). Segundo KANTOR e HAHN, o ano de 2448 do calendário hebraico corresponde ao ano de 1313 a.C.

³ DEUTSCH, 1998, p. 321, 324.

⁴ AHARONI, 1999, p. 45. O nome completo seria *Pi-Ramesse A-nakhtu*, "House of Ramesses Beloved of Amun, Great of Victories", segundo HOFFMEIER (1996, p. 117-9); ou "Domain of Ramesses II, Great in Victory", segundo Kitchen (2006, p. 255).

KAPLAN, 1981, p. 237.

⁶ KITCHEN. 2006, p. 255.

⁷ HOFFMEIER, 1996, p. 117.

⁸ AHARONI (1979, p. 176, 196); MAZAR (*Encyclopaedia Mikrait*, 1982, Vol. 7, p. 389-394); JOSEFO (*Contra Apion* 1:14 em KAPLAN, 1981, p. 237); HOFFMEIER (1996, p. 117-9); BRIGHT (2000, p. 121-2); NAVILLE (1924, p. 18-39); DAVIES (2009, p.79); COLE (2000, p. 520); FREEDMAN (1992, Vol. 5, p. 639); LEVINE (2000, p. 515); KITCHEN (2006, p. 255); SARNA (*Exploring Exodus*, 1996, p. 20). Segundo MAZAR (2003, p. 198), Avaris é a Zoan Bíblica, identificada com Tell El Dab'a. ROBINSON (1901, p. 410-414) acredita que o ponto de partida seja Tell el-Yehudiyeh, ou "Hill of the Jews".

⁹ Targum Jonathan (comentário sobre Ex 47:11 em KAPLAN, 1981, p. 237); Targum HaAretz HaIsraeli Al HaTorahem MOSKOVITZ (1988, Nm 33:3); SCHWARTZ (2003, p. 7); HERODOTUS (2:141 em KAPLAN, 1981, p. 258); GARDINER (1918, p. 261-2).

¹⁰ Flinders Petrie (HOFFMEIER, 1996, p. 117); Septuaginta (46:28 em KAPLAN, 1981, p. 237); JOSEFO (*Antiquities* 2:7:6, p. 237); e SAADIA GAON (comentário sobre Ex 1:11, p. 237).

¹¹ Sl 78:12, 43; JOHNSON (1987), p. 25.

¹² Sl 78:12: "Maravilhas que elle fez á vista de seus paes na terra do Egypto, no campo de Zoan". Segundo HOFFMEIER (1996, p. 117-119), Pi-Ramsés foi dominante aproximadamente entre 1300 e 1100 a.C., e foi substituída por Tanis no período subsequente. Tanis nunca foi chamada de Pi-Ramsés. O fato do nome de Ramsés estar nos registros Bíblicos mostra que o local associado à narrativa do Êxodo e ponto de partida do Egito deve ser (Pi)-Ramsés, e não Tanis. Esse fato também é um indício de que a tradição do Êxodo remonta ao período em que Pi-Ramsés floresceu, entre 1270 and 1100 a.C. (HOFFMEIER, 2005, p. 53-7).

¹³ O *Onomasticon de Amenope* é um documento egípcio do período entre a 20ª e a 22ª dinastias, uma compilação pertencente a uma tradição do Médio Império, que inclui o *Ramesseum Onomasticon*, do final do Médio Império. (EDWARDS, I. S.; HAMMOND, N. G. L.; e GADD, C. J. *The Cambridge Ancient History*. Cambridge: Cambridge University Press, 1975, p. 531. In: MAZAR, B. *Encyclopaedia Mikrait*, 1982, v. 7, p. 389-394)

¹⁴ O termo "hicsos" foi usado por Maneton, o historiador egípcio-helenístico, para designar os dominadores estrangeiros do Baixo Egito (a região do Delta) naquela época. De fato, o nome se originou de duas palavras egípcias, *hekau khasut*, "dominadores estrangeiros". Estes estrangeiros eram cananeus que se estabeleceram no Delta oriental e fundaram uma dinastia local, designada como a 15ª dinastia na história egípcia. (MAZAR, 2003, p. 201)

¹⁵ Deduzido da estela de "quatrocentos anos", uma estela memorial mencionando que Seti I, antes de se tornar faraó, comemorou o quadricentésimo aniversário do deus Seth, o deus principal de Avaris.

¹⁶ MAZAR, 2003, p. 195-217.

¹⁷ BRIGHT, 2000, p. 122.

- ¹⁸ HOFFMEIER, 2005, p. 119.
- ¹⁹ SARNA, 1996, p. 19-20.
- ²⁰ SARNA, 1996, p. 22-23.
- ²¹ PROPP, 2000, p. 741-744; KITCHEN, 1996, p. 311-312; BRIGHT, 2000, p. 121.
- ²² AHARONI, 1979, p. 195.
- ²³ Tradução livre de: "Distribute grain rations to the soldiers and to the Apiru who transport stones to the great pylon of Ramesses." (WILSON, John A., In: PRITCHARD, James B. *Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament*, 3rd ed. Princeton, NJ: Princeton Univ. Press, 1969, p. 258, In: MALAMAT, 1998, p. 64).
- ²⁴ MALAMAT, 1998, p. 62-66).
- ²⁵ PROPP, 2000, p. 741-744); BRIGHT, 2000, p. 95.
- ²⁶ MALAMAT, 1998, p. 62-66.
- ²⁷ MAZAR, 2003, *Encyclopaedia Mikrait*, 1982, Vol. 7, p. 389-394.
- ²⁸ SARNA 1996, p. 16-19.
- ²⁹ KITCHEN, 1996, p. 255-6.
- ³⁰ HOFFMEIER, 2005, p. 118.

Referências

- AHARONI, Yohanan [et al.]. *Atlas Bíblico*. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.
- AHARONI, Yohanan [et al.]. *The Land of the Bible. A Historical Geography*. Philadelphia: The Westminster Press, 1979.
- BEREZZIN, Jaffa Rivka. *Dicionário Hebraico-Português*. São Paulo: Editora Universitária de São Paulo, 1995.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. 2ª Impressão. São Paulo: Paulus, 2003.
- BÍBLIA HEBRAICA STUTTGARTENSIA. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.
- BRIGHT, John. *A History of Israel*. Louisville (KY): Westminster John Knox Press, 2000.
- D'ALMEIDA, João Ferreira. *A Bíblia Sagrada*. Rio de Janeiro: Sociedades Bíblicas Unidas, 1950.
- DAVIES, G. I. *The Way of the Wilderness: A Geographical Study of the Wilderness Itineraries in the Old Testament*. In: *The Society for Old Testament Study, Monograph Series No. 5*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- DEUTSCH, Yosef. *Let My Nation Go*. Jerusalem: Feldheim Publishers, 1998.
- DEUTSCH, Yosef. *Let My Nation Serve Me*. New York: Mesorah Publications, 2006.
- DURHAM, John I. *Word Biblical Commentary: Volume 3: Exodus*. Dallas: Word Books, 1987.
- ELITZUR, Yehuda e KIEL, Yehuda. *Atlas Daat Mikra (Hebraico)*. Jerusalem: Mossad Harav Kook, 1993.
- ENCYCLOPAEDIA JUDAICA. CD-ROM Edition. Jerusalém: Keter Publishing House, 1997.
- FRANCISCO, Edson F. *Manual da Bíblia Hebraica*. São Paulo: Vida Nova, 2005.
- FREEDMAN, David N.. *The Anchor Bible Dictionary*. New York: Doubleday, 1992.
- HAHN, Jerome S. *Bible Basics*. Boca Raton: International Traditions Corporation, 1996.
- HAR-EL, Menashe. *The Sinai Journeys. The Route of the Exodus*. San Diego (CA): Ridgefield Publishing Company, 1983.
- HOFFMEIER, James K. *Ancient Israel in Sinai. The Evidence for the Authenticity of the Wilderness Tradition*. New York: Oxford University Press, 2005.
- HOFFMEIER, James K. *Israel in Egypt. The Evidence for the Authenticity of the Exodus Tradition*. New York: Oxford University Press, 1996.
- ISAACS, Jacob. *Our People: History of the Jews*. New York: Kehot, 1946.
- JOHNSON, Paul. *A History of the Jews*. New York: Harper Perennial, 1987.
- JOSEFO, Flávio. *História dos Hebreus*. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.
- KANTOR, Mattis. *Codex Judaica: Chronological Index of Jewish History*. New York: Zichron Press, 2007.
- KAPLAN, Aryeh. *The Living Torah*. New York: Maznaim Publishing Corporation, 1981.

KIRSCHBAUM, Saul [et al.]. *Transliteração do Hebraico para Leitores Brasileiros*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

KITCHEN, Kenneth A. *On the reliability of the Old Testament*. Grand Rapids (Michigan): William B. Eerdmans Publishing Company, 2006.

LEVINE, Baruch A. *The Anchor Bible. Numbers 21-36*. New York: Doubleday, 2000.

MAZAR, Amihai. *Arqueologia na Terra da Bíblia: 10.000- 586 a.C.* São Paulo: Paulinas, 2003.

MAZAR, Biniamin. *Enciclopedia Mikrait* (Hebraico). Jerusalém: Bialik Institute, 1982.

MELAMED, Meir M. *Torá – A Lei de Moisés*. São Paulo: Sefer, 2001.

MIKRAOT Guedolot Meorot. v. 1 a 5. Jerusalém: Bruchman, 1995.

MILGROM, Jacob. *Numbers. The JPS Torah Commentary*. Philadelphia: The Jewish Publication Society, 1996.

MOSKOVITZ, Yehiel T. *The Chumash Bamidbar With The Commentary Daat Mikrah* (Hebraico). Jerusalem: Mossad Harav Kook, 1988.

PROPP, William H. C. *The Anchor Bible. Volume 2A - Exodus 19-40*. New York: Doubleday, 2000.

SARNA, Nahum M. *Exploring Exodus: The Origins of Biblical Israel*. New York: Schocken Books, 1996.

SCHWARTZ, Dan. *Eleh Mas'ei*. Jerusalem: Dan Schwartz, 2003.

SHOSHAN, Avraham E. *Milon Even Shoshan*. Israel: Hamilon Hachadash, 2004.

WENHAM, G. J. *Numbers: An Introduction and Commentary. Tyndale Old Testament Commentary*. Downers Grove, IL: Intervarsity, 1981.

Artigos

DAVIES, G. I. *The Wilderness Itineraries and the Composition of the Pentateuch. Vetus Testamentum*. Vol. 33, Fasc. 1 (1983), p. 1-13. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1517990>. Acesso em 20/08/2008.

DAVIES, G. I. *The Wilderness Itineraries: A Comparative Study. Tyndale Bulletin* No. 25 (1974), p. 46-81. http://www.tyndalehouse.com/TynBul/Library/00_TyndaleBulletin_ByAuthor.htm#D. Acesso em: 30/07/2009.

GARDINER, Alan H. *The Ancient Military Road between Egypt and Palestine. The Journal of Egyptian Archaeology*, Vol. 6, No. 2 (1920), p. 99-116. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3853611>. Acesso em: 22/07/2009.

GARDINER, Alan H. *The Delta Residence of the Ramessides. The Journal of Egyptian Archaeology*, Vol. 5, No. 4 (1918), p. 242-271. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3853579>. Acesso em 22/07/2009.

GARDINER, Alan H. *The Geography of the Exodus: An Answer to Professor Naville and Others. The Journal of Egyptian Archaeology*, Vol. 10, No. 2 (1924), p. 87-96. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3854234>. Acesso em: 22/07/2009.

HOFFMEIER, James K. *Out of Egypt : the archaeological context of the Exodus. Biblical Archaeology Review*, Vol. 33, No.1 (2007), p. 30-41, 77. Disponível em: <http://members.bib-arch.org/publication.asp?PubID=BSBA&Volume=33&Issue=1&ArticleID=7>. Acesso em: 30/07/2009.

KITCHEN, Kenneth A. *Some New Light on the Asiatic Wars of Ramesses II. The Journal of Egyptian Archaeology*, Vol. 50 (1964), p. 47-70. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3855742>. Acesso em: 30/08/2009.

KRAHMALKOV, Charles R.. *Exodus Itinerary Confirmed by Egyptian Evidence. Biblical Archaeology Review*. Vol. 20, No. 05 (1994), p. 55-62, disponível em: <http://members.bib-arch.org/collections.asp?PubID=BSBA&Volume=20&Issue=5&ArticleID=4&>. Acesso em 23/06/2009.

MALAMAT, Abraham. *Let My People Go and Go and Go and Go. Biblical Archaeology Review*, Vol. 24, n. 1 (1998), p. 62-66. Disponível em: http://cojs.org/cojswiki/Let_My_People_Go_and_Go_and_Go_and_Go,_Abraham_Malamat,_BAR_24:01,_Jan/Feb_1998.. Acesso em: 24/06/2009.

NAVILLE, Edouard. *Goshen and the Shrine of Saft el Henneh (1885) [Fourth Memoir of the Egypt Exploration Fund]. The American Journal of Archaeology and of the History of the Fine Arts*, Vol. 4, No. 1 (1888), p. 65-67. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/496409>. Acesso em 06/07/2009.

NAVILLE, Edouard. *The Geography of the Exodus. The Journal of Egyptian Archaeology*, Vol. 10, No. 1 (1924), p. 18-39. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3853993>. Acesso em: 02/02/2009.

Softwares

BIBLE WORKS 5.0. Bigfork (MT): Hermeneutika Computer Bible Research Software, 2001.

ENCYCLOPAEDIA JUDAICA – *CD ROM Edition*. Jerusalem: Keter Publishing House, 1997.

JUDAIC CLASSICS LIBRARY: *version 2.2*. New York: Judaica Press, 2001.

THE SONCINO CLASSICS COLLECTION. New York: Judaica Press, 1990.

WORLD BIBLICAL COMMENTARY. Dallas: Libronix, 1987.